



Dr. Manuel d'Arriaga, presidente da Republica Portugueza, eleito em 24 de agosto pela Assembléa Nacional

N.º 288 Lisboa, 28 de Agosto de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA!

*Ilustração*  
PORTUGUEZA

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS  
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração, e Officinas de Compo-

Porque razão gosam de tanta fama

OS

**COMPRIMIDOS "BAYER"**

---

**DE ASPIRINA?**

---

**1). Pela sua multiplicidade de indicações como:**



Rheumatismo	Dôres de cabeça
Influenza	Dôres de dentes
Resfriamentos	Nevralgias
	Colicas menstruaes

**2). Pela falta absoluta de efeitos secundarios como acontece com os salicylatos, a morfina e outros medicamentos.**

Exigir sempre em toda a parte

OS

**COMPRIMIDOS "BAYER"**

**DE ASPIRINA**

# Os Candidatos à Presidencia no dia 21

Depois de tantos nomes apresentados para a presidencia da Republica, ficaram unicamente em campo e n'elles se insistia immenso no dia 20 de agosto, a quatro dias de distancia da elei-



1—Dr. Magalhães Lima 2—Dr. Bernardino Machado  
3—Dr. Duarte Leite 4—Dr. Manuel de Arriaga

ção presidencial, os dos srs. drs. Magalhães Lima, Bernardino Machado e Manuel d'Arriaga e Duarte Leite.

A elles se circumscreve a lucta, depois de terem sido indicados os srs. Anselmo Braamcamp, que desistiu da sua candidatura, Alves da Veiga, que, como João Bonança, eram apresentados por um grupo de deputados, Azevedo Silva e José Relvas, de quem tambem se falou, a fim de serem propostos para a suprema magistratura do paiz.

1—Frederico Ayres  
2—Prova final do curso de Paysagem do alumno Frederico Ayres





1—Abel Santos  
2—Prova final do Curso de Paysagem do alumno Abel Santos  
(Clichés de Benollef)



# EM DEFESA DA REPUBLICA



Aspectos da ocupação militar do Minho  
Infantaria 3 em Caidellas

(Clichés do sr. Antonio Manuel Lopes)



# O REGRESSO DE CAÇADORES 5 DA FRONTEIRA



1—O comandante de caçadores 5 tenente coronel  
Simas Machado, com dois oficiais de batalhão  
2—O regresso de caçadores 5  
(Clichés de Benotiel)



O ultimo figurino d'um  
trajo de passelo

*A Illustração Portuguesa* apresenta hoje ás suas leitoras dois bellos figurinos dos grandes costureiros parisienses cujos trabalhos mal se acabam de realizar logo correm mundo n'uma apothese, n'um triumpho.

Sejam os exageros enormes, sejam interessantes os modelos sempre haverá quem os use enfeudando-se eternamente aos



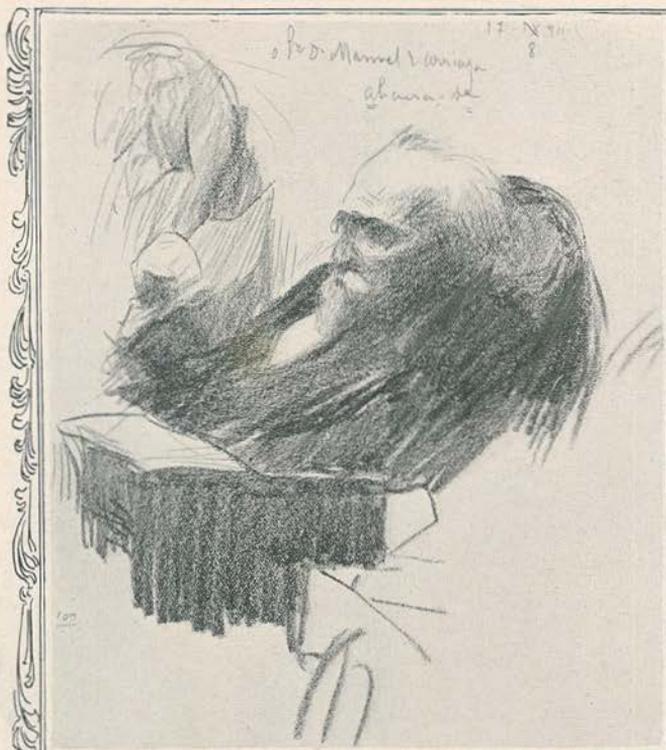
Vestido, última criação,  
para campos e praias

caprichos quasi  
quotidianos da mo-  
da.

Paris vê-a lançar-  
se nos seus thea-  
tros, nas corridas,  
no Bois e logo to-  
da a Europa lhe  
sente a influencia

Os dois modelos  
que publicamos são  
dos ultimos lança-  
dos com um enor-  
me successo.





SILHOUETES  
PARLAMENTARES  
POR  
ALVES CARDOSO

O illustre pintor Alves Cardoso cujos trabalhos são tão apreciados traçou nas paginas do seu album as figuras flagrantés de Braamcamp Freire e Manuel de Arriaga, vistos em plena Assembléa Nacional, constituindo interessantes documentos estes magnificos croquis.



1—O sr. Manuel de Arriaga abana-se 2—O sr. Braamcamp preside

# Aspectos do Brasil

As famosas regiões servidas pela Estrada de Ferro Central do Brasil, que tem a sua origem no Rio de Janeiro, possuem aspectos interessantíssimos com verosimilhança flagrante do que nas vias terreas estrangeiras é apreçoado pelos mais adianta-

Índias concertando rédes  
(provincia de S. Paulo)

dos processos graphicos do dia, com delicadas, finas, intuitivas annotações, para que o viajante as veja, as aprecie e ame.

Em costumes no Estado do Rio, no Estado de S. Paulo e no de Minas, o manancial chega a ser d'uma abundancia escandalosa.

Comprime a alma, no emtanto confessar que os artistas, em regra, tenham sido abstemios na pintura, na aguarella, emfim, nas simples manifestações da arte, em futuro typos de uma graça e de uma originalidade enternecedoras, que a fusão das raças fará desapparecer, maxime nas terras cujo futuro está na dependencia da emigração.

Observe-se o traçado da Estrada documentando a alta pericia da engenharia do Brazil.

Veja-se um trem giboiar no dorso da Mantiqueira!! E' maravilha que passa despercebida a muitos espiritos viajados, que tendo feito hiatos exclamativos, lá fóra,



perante trechos ferro-carris soberbamente proclamados pelo concurso da photographia, aqui não vêem o que ha de prodigioso e isto porque ninguem os chamou à observancia

...Aquelle ramal de Ouro Preto!

Pois ha nada mais formosamente agreste! Rochas cortadas a prumo, angulosas, abruptas, parecendo fazer arrempessos atrevidos sobre a locomotiva, sobre as carruagens, na sua fugidia torcicolosa.

Aqui, ali e acolá, olham-se horizontes de vastidão incommensuravel, polvilha-

lante caprichoso do terreno, o que se vê pertence absolutamente a scenario de magica.

Que riqueza intermina de aspectos da Natura nos ferem consoladoramente a retina. Não ha cem metros de percurso parecidos com os que precederam ou vão proceder. Em Palmeiras a belleza chega a ser triumphal. Não é, supomos, nem lyrica, nem mesmo romantica, a preferencia que noivos inteligentes e cultos dão a estes conchegos da Serra, vestidos estrepitosamente pela flora, graças aos jequitabás, aos ipês que em certa epoca do anno mancham na



Scena pastoral da Serra da Mantiqueira

dos nos longes, parece, de azul marinho

A cidade de Ouro Preto, que se espreguiça em grandes elevações de terreno, d'um pittoresco vivo, picante, é de relativo interesse sob o ponto de vista archeologico e dá illusão perfeita d'algumas cidades portuguezas.

Riquissimo o museu mineralogico da Escola de Minas e famosos os pulpitos e o portico de S. Francisco, em que o lendario *Aleijadinho*, artista mineiro condignamente apreciado, fez em estylo a resumir barroco, um poema em pedra

Por toda a parte, em summa, a Central é mostruario esplendido de natureza, arte e costumes.

No Estado do Rio, na Serra do Mar, que busca necessariamente esta denominação no ondu-

sua floração com um amarello gritador o vastissimo quadro!..

A locomotiva vae desenrolando o seu feitioso penacho de fumo que se perde no ar, tenue, emquanto os olhares vão devorando emancia indefinida aquella alegria estonteante que é presa da se-



gunda secção da Estrada.

Passemos ao ramal de S. Paulo que, como que estrategicamente, acompanha o rio Parahyba.

Não nos demoremos, por cautella, a pensar no que devem ser as suas margens quando houver população densa. Só na desobstrução d'algumas pedras, entre as estações de Cachoeira e de Queluz, são valorisadas em 35.000 alqueires de terra em que, sem constrangimento, se podem fixar dois milhões de habitantes!!!

Interessa-nos mais seguir de preferencia, a rota do pittoresco, do artistico...Estamos em Engenhei-

ras sobre giraus, empunhando o canico, muito attentos, typos de pescadores esplendidos para estudo da ethnographia.

Surprehende-nos o comboio Sud-expresso que corre entre o Rio e a capital paulistana e cosemo-nos lestos ás guardas da ponte, tendo a sensação de ver passar não um trem, mas um cyclone, um tufão. Regressamos e em breve vimos as agulhas negras do Itatiaya, a 2.600 metros, françarem-se nas nuvens.

No mez de janeiro, pertencente á época das chuvas, as aguas improvisam cas-



Payzagem bucolica (Minas Geraes.)

ro Passos e na Ponte do Salto, austera, a mais alta da Central.

O rio, como que estrangulado, grita apavorado lá em baixo, tumultuoso, nas suas aguas barrentas. De-

bruçamo-nos um pouco para o abysmo revoltoso, insubmissivo. A alguma distancia a lobrigam-se os piracua-

catas pelo dorso da serra que faiscam como laminas tremulas de espadas feridas pelo sol. De Engenheiro Passos a Lavranhas as margens que seguram o Parahyba são irregularissimas, cheias de effeitos de uma rusticidade empolgante. Ha n'este rio grandes differenças de nivel que provocam cachoeiras animadas, cantantes.

Mas abandonemos melancolicos, e digamos mesmo nostalgicos, o ramal de S. Paulo para proseguirmos na linha do Centro que chegou ao Pirapóra, considerada a via fluvial mais piscosa do mundo. A estação em que nos demoramos é General Carneiro, de tres faces, original, resaltando a mourisco, d'uma leveza aerea. Em marcha, deixamos á direita a cavalleiro da



Meio de transporte utilizando os carneiros,  
usado no Sul de Minas



Um aspecto de paisagem

Estrada a avoenga cidade de Santa Luzia de Rio das Velhas que deu para a historia brasileira algumas laudas galhardamente heroicas.

Estamos d'aqui a nada em Sete Lagoas. Entrementes deliciemo-nos n'um gozo pantheista atravez as portinholas da carruagem vendo as pedras de natureza calcárea que, á direita e á esquerda, assumem feições de monstros anti-diluvianos espreitando por entre as mattas.

Vimol-as, já, dantescas em noite de tempestade, parecendo criações de Gustavo Doré!

Lavamos agora os pulmões com puro ar oxigenado no socego patriarchal de Sete Lagoas inicio de uma grande cidade, que para isso lhe sobram condições naturaes excellentes. E' hora de almoço e damos satisfação a necessidades physiologicas n'uma modesta meza em que nos apparece com toda galhardia luculiana o classico lombo de porco que encostamos a um bem condimentado feijão.

Após o café, que

europaea no serlão de Lorena

rescendia, achamo-nos ás margens d'uma das lagoas que dão nome a cidade e municipio.

Dia a'agado de sol.

A superficie da agua estava levemente arripiada por um zephiro acarinhador.

Passava lá adiante, chiando, um carro tirado por seis juntas de bois nédios, de pello reluzente, transportando cana.

Entre as lavadeiras que perto batiam roupa, as pernas meio mergulhadas, errava canção saudosa que me envolveu em profundas nostalgias!!

Em abril os verdes das plantas, do arvoredado, avelludam-se e as aguas, limpidas, parece que nada contem em suspensão.

Lagoas encantadas, mysteriosas, namoro eterno dos olhos dos que scismam, não foi á tóa que o sabio estrangeiro Lund deixou os proclamados climas da Europa, portador do bacillus de Kock, para annosamente viver proximo do azul transparente das tuas aguas, fechando ahí, sereno, os olhos á vida.

Augusto Soucasaux.

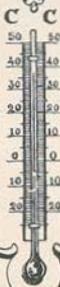


# 38°: À SOMBRA!

## PARIS E O SEU "BOIS"

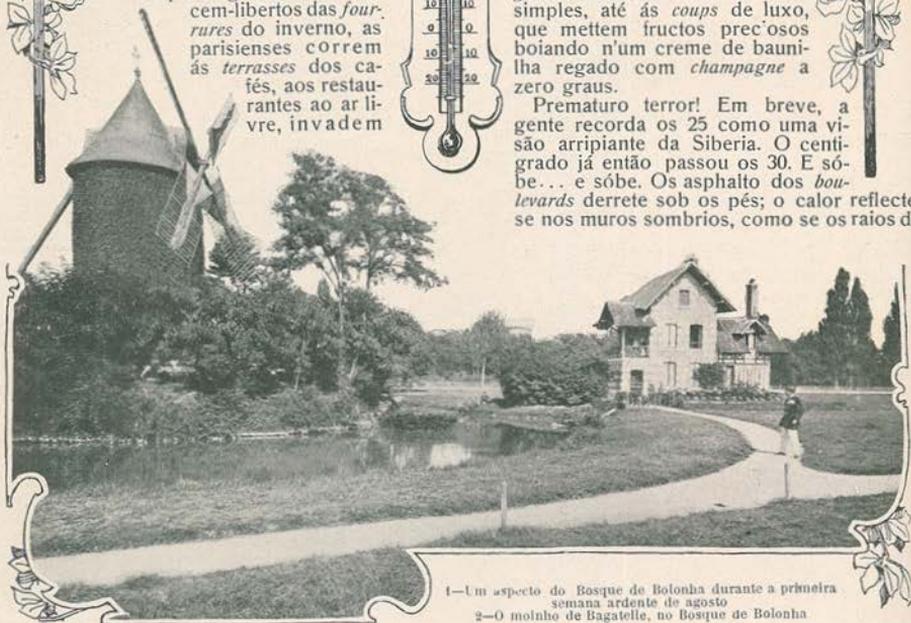


Quando o verão chega, o termómetro, em Paris, é implacável. Ao princípio, ameaça-nos com 25 graus. E, com os corpitos gentis ainda recém-libertos das *fourrures* do inverno, as parisienses correm às *terrasses* dos cafés, aos restaurantes ao ar livre, invadem



até os arrabaldes, aliás mais quentes do que a capital, e dão o primeiro assalto a toda a espécie de gelados, desde a *orangeade* modesta e do sorvete simples, até às *coups* de luxo, que mettem fructos preciosos boiando n'um creme de baunilha regado com *champagne* a zero graus.

Prematuro terror! Em breve, a gente recorda os 25 como uma visão arripiante da Sibéria. O centígrado já então passou os 30. E sóbe... e sóbe. Os asfalto dos *boulevards* derrete sob os pés; o calor reflecte-se nos muros sombrios, como se os raios do



1—Um aspecto do Bosque de Boulogna durante a primeira semana ardente de agosto  
2—O moinho de Bagatelle, no Bosque de Boulogna

sol cahissem sob a superfície polida d'um espelho. Tudo que nos cerca irradia calor. O proprio ar que se respira é quente, como se viesse d'uma fornalha para os nossos pulmões atormentados.

32... 34... 35, á sombra! Nas ruas morre-se, fulminado. Os passeantes raream. Só transitam na rua os que trabalham. Os cavallos dos *sapins* caminham, tropegos e luzidios, com as suas patuscas chapeletas que lhes protegem as orelhas e o craneo. A's 3 horas, o termometro attinge 37, ás vezes 38; ao sol, são os ,50 graus do Sahara; e a rua de la Paix e a avenida da Opera e, ainda mais, a linha dos *boulevards*, sob a qual quasi o dia inteiro o sol dardeja, são qualquer coisa como os campos do Alemtejo sob o calor de Agosto, taes como o nosso grande Fialho os descreveu nos seus *Ceifeiros*.

E' então que Paris foge para o *Bois*. É a época de triumpho das bellas manhãs das *Accacias*, do chá das cinco em *Armenonville* e no *Chateau de Madrid*, dos jantares na *Ermítage* ou na *Cascade*, das ceias, com tziganos, no *Pré Cate-*



1—Um dos clubs chics do Bosque: O Cercle de Puteaux (quadro de Gervex) 2—A pesagem no Campo de Corritas de Anteuil (quadro de Rousseau-Decelle) 3—O recinto da pesagem no Campo de Corritas de Lenchamp (quadro de Rousseau Decelle)

lan. E a cada dia, deante dos nossos olhos encantados, revive o espectáculo brilhante, de *charme*, de elegancia, de côr e de imponencia das tardes do segundo imperio que Zola descreveu nas opulentas paginas da *Curée*:

«Eram quatro horas. O *Bois* despertava do pesadello d'uma tarde ardente. Ao longo da Avenida da Imperatriz, levantavam-se nuvens de poeira e, ao longe, viam-se os tapetes de verdura que limitavam as collinas de Saint-Cloud e de Suresnes, coroadas pela cimalha acinzentada do Monte Valeriano. O sol, erguido sobre o horizonte, fluia, enchia de uma luz de oiro os interstícios da folhagem, batia em cheio nos ramos altos, mudava aquelle oceano de folhas n'um oceano de luz. O exterior envernizado das carruagens, as fulgurações das peças de cobre e de aço, as côres vivas das *toilettes* desfilavam, ao trote regular dos cavallos e punham sobre o fundo do *Bois* uma larga barra movediça, como uma fita de luz cahida do ceu, alongando-se e seguindo as curvas do caminho».

Contemple-se o panorama do alto



1—O ponto de Paris  
no bosque de Bolonha  
2—O grande lago  
do bosque de Bolonha

foi, em vellos tempos, a floresta de Rouvray e esteve quasi abandonado até ao dia em que Philippe Augusto o encorporou nos bens da corôa. Lá se ergueu então o Claustro das religiosas de Longchamps, exactamente no sitio onde hoje existe o Campo de Corridas, em que, no terceiro domingo de junho, se disputa o *Grand-Prix*.

Um dia—conta Georges Cain, n'um dos seus livros sobre Paris—uns peregrinos, chegados de Boulogne-sur-mer, construíram, em frente de Saint Cloud, uma igreja copiada da que existe na terra d'onde vinham. A capella chamou-se de Boulo ao logar e ao bosque contiguo. Mais tarde, malandrins de toda a ordem infestaram de tal modo a flo-

do Arco do Triumpho. Tudo isso se verá. Apenas uns automoveis a mais e, uma vez por outra, os couraçados de mr. Fallières, no logar em que outr'ora iam os cem guardas do ultimo Napoleão.

O Bosque de Bolonha não tem uma remota tradição de elegancia. Ell

resta, que Luiz XI houve de ordenar medidas especiaes de repressão. Depois, o Bois foi-se, aos poucos, povoando. Francisco I fez construir o Chateau de Madrid; Luiz XV edificou o Chateau de la Muette, onde Maria Antonietta passou a sua ultima noite de solteira; e o conde de

historia tinha entrado no periodo do esplendor. Esse esplendor, que se firmou nos tempos do segundo imperio, consegue, um effeito, quando, sob Luiz Philippe, o duque de Orleans, o duque de Nemours, lord Seymour, o duque de Fitz-James e Ernest le Roy organisaram as primeiras corridas



A alea dos cavalleiros na Avo-

nida do Bosque de Bolonha

Artois, como consequencia de uma aposta, fez, em seis semanas, surgir esse cantinho delicioso que é a Bagatelle e o seu jardim inglez.

A Revolução—diz ainda G. Cain—passa como um cyclone sobre o Bosque de Bolonha: arrazado o convento de Longchamp, vendido o Chateau de Madrid ao *bando negro*, que lamenta «a solidez do edificio, dias demais para demolir» e esmigalha e converte em cimento as terras esmaltadas, obras-primas da Renascença, alegrando as fachadas! O Chateau de la Muette tem a sorte da Abbadia de Longchamps.

O Bois, constricto, vingou-se dos seus perseguidores, acoitando os que, durante o terror, d'elles procuraram libertar-se. Muitos viveram, dias e dias, escondidos, á sombra protectora das suas arvóres, alimentando-se, como o nuncio Solamon, de legumes e folhas seccas. Depois, hospedes de varias cathedrias o frequentarem: umas vezes duellistas, imitando a marquezia de Hesles e a condessa de Polignac, que no reinado de Luiz XV, ali trocaram balas, por amor do afortunado duque de Richelieu; outras vezes invasores. Dos ultimos, mais uma vez soffreu os malifícios: primeiro na invasão dos alliados, após a queda de Bonaparte; depois, no cerco de 70, já quando a sua

de cavallos. Depois, pelas aleas cheias de sombra e de frescura, Napoleão III fazia o passeio favorito, sumptuosamente acompanhado pela sua luzida escolta, «e os parisienses de 1867 ali saudavam a esplendida imperatriz e o principesinho, sorrindo da equipagem imperial, conduzida por jockeys empoados, com calções de pellica, vestes de velludo verde com alamares doirados e boné verde, franjado d'oiro.»

Hoje o Bois está cheio de *restaurants* luxuosos e caros onde todos os dias da primavera uma multidão elegante se reúne, para tomar refrescos, almoçar ou jantar, cultivar os seus *illris*, exhibir as suas *toilettes*, respirar um ar mais puro que o da *butte* Montmartre ou... do faubourg Saint-Honoré. Nesses logares de bom-tom e de bom-gosto, onde se ouve boa musica e passam as mais lindas creaturas de Paris o chá e os bolos (como o resto) excedem um pouco em preço a tarifa do nosso desvairente Broomfield ou do aristocratico Marques, do Chiado. Um chá ou um refresco custam pelo menos 1 franco e 50, ou sejam tres tostões da nossa moeda, e o preço de cada bolo oscilla entre 30 e 50 centimos, ou, em metal lusitano sessenta réis e um tostão. Mas a civilisação é avessa

a toda a regra da boa economia e as mudanças da capital do mundo não desceriam, por certo, dos seus automóveis de marca, mostrando até ao joelho a meia de seda branca, para abanear n'uma pobre confeitaria de bolos a vintem.

Os principaes d'entre esses *restaurants* são o instalado sumptuosamente no Chateau de Madrid, e os de Armenoville e do *Pré Catelan*, que pertencem ao proprietário do Café de Paris.

Duas palavras sobre o *Pré Catelan*, segundo as preciosas informações de Georges Cain, conservador do Museu Carnavalet e das Collecções historicas da cidade de Paris e, como tal, de incontestada autoridade em assumptos d'estes:

Porque *Pré Catelan*? Ha duas



A fachada do Chateau de Madrid

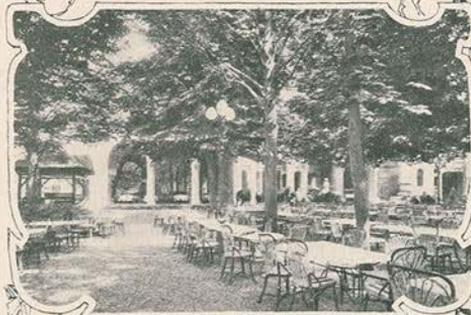
chamou tambem um capitão das casas do Bosque de Bolonha, proprietario do Chateau de la Mente que mais tarde Luiz XV comprou e transformou no já citado Chateau de la Muette.

*Pré Catelan* é um lindo jardim, em pleno Bois, onde além do restaurant ha o *Theatro de verdura* que outr'ora se chamou *Theatro das flôres*. N'esse theatro que é encantador ha espectáculo duas vezes por semana durante o verão. Outr'ora, antes da devastação de 70, elle era mais lindo ainda por certo do que hoje. As *avant-scènes* eram todas em jasmims, os camarotes em madresilvas, os logares de plateia em violetas; uma moita de rosas desaparecendo sob a terra substitua o panno e os balões venesianos de muitas côres illuminavam tudo.

Em 29 de julho de 1908, a Sociedade da Historia do Theatro organisou uma excepcional representação no theatro de Verdura do Pré-Catelan. Cain, que assistiu a ella, descreve assim essa «inolvidavel festa que por um momento evocou todo o passado»:

«... Um poetico prologo de Dorchain, versos d'André Chénier, minuets, gavôtes, arietas de Rameau; o baile d'*Alceste* e o segundo acto da obra-prima de Gluck, interpretada por uma artista admiravel, madame Litoine! No nobre scenario da folhagem, sobre os fundos sombrios e moveiçãos dos carvalhos e dos abetos baluçados pelo vento, foi, desde logo um encanto vêr as lindas bailarinas da Opera-Comica dançar o bailado d'*Alceste*. Os tecidos leves e transparentes que a brisa ajustava aos corpos jovens e flexiveis, essa musica de sonho, esses raios de sol poente filtrando como jactos de luz electrica atravez dos ramos verdes e minando d'uma poeira de ouro a graça *exquise* de Regina Badet coroada de loiros e modelada—estatuva viva—nas suas gazes claras denunciando a mancha sombria d'uma pelle de panthera essas sandalias roçando a relva semeada de margaridas..., tudo nos dava a illusão de contemplar um friso animado, solto dos blocos de marmore de Parthenon!

«Houve n'esta festa um momento unico: foi quando madame Félicia Litvinne nos disse—com o estylo e a voz que se sabe—o appello tragico ás «Divindades do Styx.» Envolta na sua



O Jardim do Chateau de Madrid

versões—a da lenda e a da historia, a primeira das quaes, naturalmente, muito mais curiosa. Segundo ella, por alturas de 1310, uma princeza de Saboya, mandou como embaixador junto do rei francez Philippe o Bello «grand amateur de virelais et de romances» um famoso trovador provençal, de nome Arnault de Catelan. No intuito de lhe prestar homenagem o rei fez conduzir o embaixador ao seu solar de Pany e, para o proteger das suspeitas dos bandos que intestavam a floresta de Rouvray, deu-lhe uma escolta de gente de confiança, escolhida na sua propria guarda e cujo primeiro cuidado foi degollar aquelle que elles tinham a missão de proteger. Suppunham os homens que o embaixador, vindo de tão longe e do mando de tão nobre e rica dona, traria ao rei presentes em fino oiro e pedras preciosas. Mas o trovador mais não trazia afinal que licores e perfumes... Chegada a escolta ao solar de Passy, foi o effeito dos licores e o cheiro dos perfumes que denunciou o crime; e, então, Philippe o Bello mandou queimar vivos os seus homens de confiança e erigir no local do crime uma cruz expiatoria que, após haver soffrido mutilações e restauros de maior ou menor gosto ainda hoje já existe.

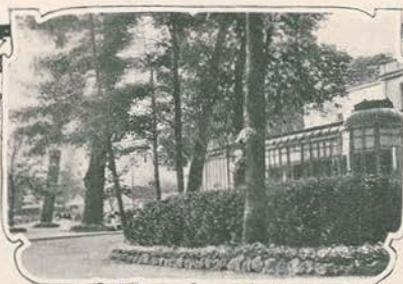
A lenda porém... é uma lenda. E *Pré Catelan* chama-se assim porque Theophilo Catelan se



O restaurante do «Pré Catalans» (Quadro de Gervex)

tunica cinzenta, a grande artista lançou esta invocação sublime com um tal poder de emoção, uma tal intensidade de dor que nos pareceu ouvir o lamento desesperado da angústia humana... e uma sensação profunda sacudiu o elegante auditorio subitamente commovido... Nos fundos de verdura—mal dissimulados pelas betulas, pinheiros e silvados—as dançarinas, os grandes sacerdotes e as «mulheres gregas» appareciam, atraídos pela magia d'aquella voz. Quando madame Letvinne, com os olhos cheios de lagrimas, acabou de soltar esse grito de paixão em que tinha posto toda a sua alma, todas as mãos deram palmas, todas as boccas aclamaram, e, de longe, as mil flôres que cobriam os imersos chapéus das bellas espectadoras—myosotis, rosas, hortencias, papoilas—pareciam ramos de triumpho, arremessados aos pés da grande artista cuja arte maravilhosa tinha enternecido tantos corações.»

O Chateau de Madrid, onde hoje existe o mais pittoresco dos hotéis de Paris



e o mais sumptuoso e aprazível dos seus restaurants, não é já aquelle que o amavel e popular Francisco I fez construir. Esse desapareceu nas horas amarguradas do Bois. E era lindo, a dar fé ás chronicas. De resto, o rei Francisco tinha bom gosto e ama-

va tanto as artes como as letras. Galante, aventureiro, encarnação feliz de espirito dos habitantes do seu reino, elle foi um rei vencido, prisioneiro, perdulario, mas, apesar de tudo, amado. A França, generosa e intelligente, nunca exigiu dos seus reis, a vida pontual e regada d'um guarda-portão

O Chateau, construido por ordem do imperante francez, não se chamava de Madrid, mas *Boulogne*. O nome comtudo não cahiu na graça nem do povo, nem dos cortezaos. O povo chamou-lhe *Chateau de Faience*, pelo brilho alegre das suas fachadas e, como o rei fizesse d'elle um lugar de repouso vedado á massada dos cortezaos, estes, despeitados, chamaram-no castello de *Ma rid*, como allusão ao local onde o monarcha tinha soffrido o



1—A «Ermitage» de Longchamp 2—A Avenida do Bosque de Bolonha



A cascata do Bosque de Bolonha



271

O pavilhão d'Armenonville, n'uma tarde do Grand Prix. (Quadro de Gervex)

cativeiro. Francisco I morreu antes das decorações interiores do Madrid estarem prontas. Foi Henrique II que as mandou concluir e, pormenor curioso, n'essas decorações o rei fez aparecer com frequência as iniciais do seu nome entrelaçadas com as da sua favorita Diana de

e n'essa mesma noite abandonou Madrid. A irmã ainda por muito tempo lá ficou.

Ora, ha cerca d'um anno alguém tentou fazer um novo Château de Madrid, com quartos para hospedes, um restaurant e um pequenino parque, agradável de frequentar nos lindos dias da primavera e do verão.



O Bosque ao domingo

quadro de Brispo.

Poitiers e algumas vezes com as da sua mulher legitima, Catharina de Medicis. O Château de Madrid serviu mais tarde de habitação á rainha Margot, tão celebre pela sua vida galante como pelo seu coração de pedosa. D'essa rainha se conta uma anedocta que define bem o seu caracter: Uma vez, em pleno dia, mandou assassinar na rua um gentilhomem que lhe tinha matado em duello um dos admiradores; mas, logo, escreveu ao rei, dizendo ser intenção sua mandar dizer cem missas pelo repouso da alma da sua victima.

Em Madrid viveu tambem Fleurian d'Armenonville, ministro da justiça, que fez proximo d'ali, construir o pavilhão, que ainda hoje tem o seu nome e que, em sua origem, foi destinado ás dependencias d'uma manufactura real de meias de seda. Depois, o *chateau* foi, em plena dissolução do seculo XVIII, a corte galante de M.<sup>elle</sup> de Clermont e Charolais, filhas de Luiz III de Condé. M.<sup>elle</sup> de Clermont deixou o palacio em circumstancias tragicas. Um dos seus amantes, o conde de Melun, foi morto por um veado, quando caçava no bosque de Bolonha. Trouxeram o corpo cheio de sangue, para o pateo do castello. M.<sup>elle</sup> de Clermont, atrahida pelo barulho veio vêr : deparou-se-lhe o cadaver;

Dos velhos dominios dos reis de França existia apenas uma arvore, que os guardas do *Bois* ainda mostram com o respeito com que se deixa admirar uma reliquia. Tudo havia a fazer de novo. Mas resolveu-se que tudo se fizesse no estylo da Renascença. Projectos do architecto Lefranc, esculpturas magnificas de Rouillière, machinismos da casa Samain fizeram essa obra de harmonia, cheia de encanto, que, ao lado d'uma das portas de *Bois*, hoje se admira. Na fachada, vê-se a estatua equestre de Francisco I; dentro, a sala do restaurant é das mais bellas de Paris. Do jardim separam-na apenas, como no *Pré Catelan*, largos vidros que, quando faz bom tempo, desaparecem, mergulhando no solo.

E o *farroupilha*, sem um *sou*, escorraçado, pelo *chasseur* em uniforme, de sob o portico d'entrada d'aquelle templo da Natureza, perguntará, erguendo o olhar de dôr ao ceu imenso, onde a poeira cinzenta d'um calor ardente empana o azul radioso, se é justo afinal que o ouro monopolize, encerrando-as em grades de ferro, as bellas e consoladoras coisas que sobre a terra espalhou a mão de Deus ...

Paris, agosto de 1911.

Paulo Osorio



Dolores Rentini era uma alegre rapariga, cheia de vida, desenvoltura e mocidade. Os seus grandes olhos negros, os seus formosos cabelos, a harmonia da sua voz, a sua graça, tinham-na tornado querida do publico da operetta.

Lisboa applaudiu-a; o Porto iniciou-a. Dolores fôra primeiro premio de canto do Conservatorio de Madrid e tentadissima pelo theatro não esperou um contracto n'uma companhia d'opera.

Francisco Palha chamou-a, deu-lhe um logar no seu theatro e os applausos com que a saudaram ao apparecer na peça *Uma viagem á China*, decidiram-na de vez a seguir a carreira na operetta.

Foi das mais festejadas artistas do genero; de dia para dia sentiam-se os seus progressos. Fizera uma *tournée* realmente triumphal no Brazil, quando a febre amarella a atacou em Pernambuco, onde ficou a repousar a distincta actriz que era uma linda mulher.



1—Dolores Rentini  
morta em Pernambuco de febre  
amarella  
2—Dr. João de Barros



**João de Barros.**—O illustre poeta das *Algas* e da *Terra Florida* é tambem um dos homens que mais se tem devotado ás questões da instrucção nos ultimos tempos em Portugal.

Nomeado director geral d'instrucção primaria, dentro em pouco, por divergencias de opinião com o ministro do interior, abandonou nobremente o seu logar. A prova da sua alta competencia está no livro que acaba de publicar intitulado *A Nacionalisação do Ensino* que tem sido justa e devidamente apreciado.

# O TORNEIO DE NATAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO NAVAL.

A Associação Naval promoveu um torneio de natação que foi bravamente disputado por alguns dos nossos melhores nadadores.

Tres foram as provas realizadas na doca de Alcantara, sendo a primeira para um percurso de sessenta metros, a segunda de duzentos e a

1—Os nadadores lançando-se á agua  
2—Um aspecto do torneio

terceira de quatrocentos.

Esta, que foi a mais encarniçada, causou um grande entusiasmo entre os espectadores e foram classificados da seguinte maneira os nadadores. Primeiro



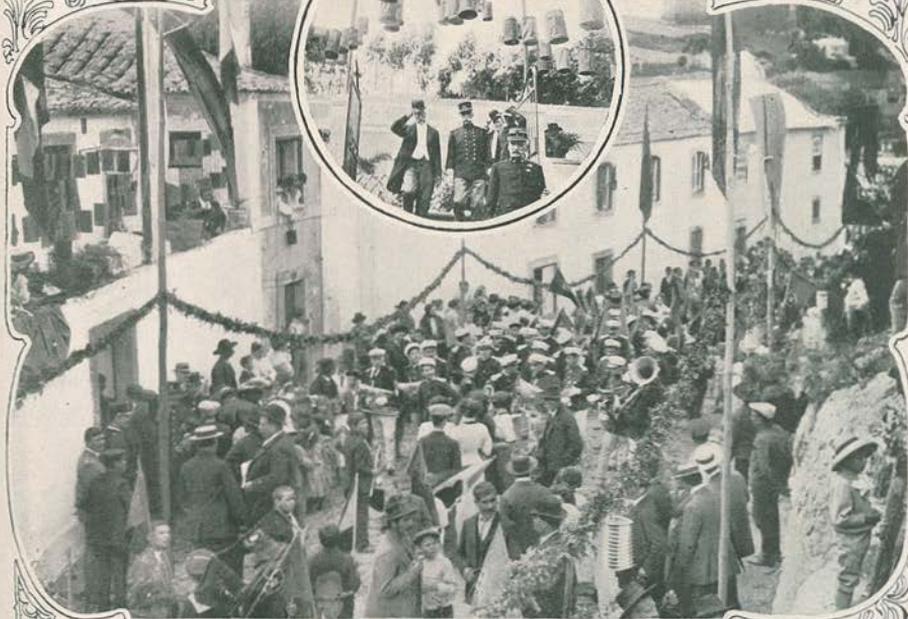
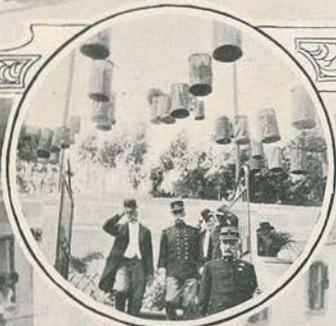
3—Carlos Sobral da Associação Naval de Lisboa saltando de 12 metros de altura, 4— Carlos Sobral, o vencedor da ultima prova—(Cliché de Benoitel)

o sr. Carlos Sobral, que foi o vencedor e de seguida os srs. F. Cabral, Duarte, Costa e Bello.

# O MINISTRO DA GUERRA EM BARCARENA.

Na fábrica de Barcarena estão-se fazendo novas instalações que o ministro da guerra foi visitar em 20 de

boas vindas. O sr. Correia Barreto analysou varios trabalhos e elogiou-os agradecendo depois a manifestação.



- 1—Durante a visita
- 2—O ministro da guerra com o director da fabrica de Barcarena e o sr. general
- 3—A philharmonica de Barcarena aguardando o ministro da guerra
- 4—As creanças da escola de Caxias saudando o ministro (Clichés Benoit)

agosto, sendo recebido com o maior enthusiasmo pelo pessoal do estabelecimento cujo mestre, sr. Annibal Lucio d'Azvedo, lhe deu as



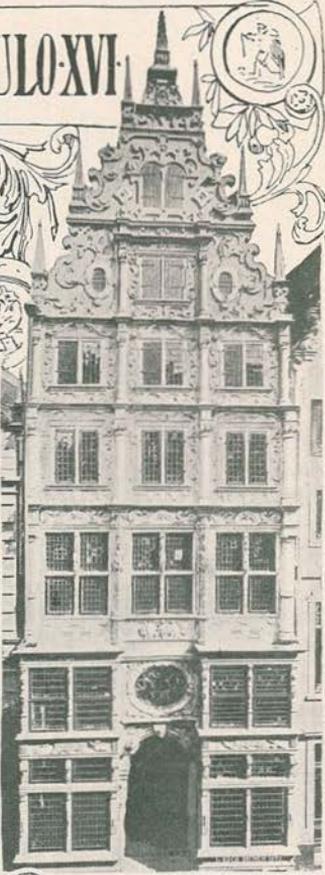
# UM RESTAURANTE DO SÉCULO XVI

Bremen, a lendária Bremen, encerra verdadeiros monumentos de antiguidade, os quaes constituem a admiração dos seus visitantes.

Em Bremen, nada é derruído; apenas restaurado, applicando em tudo o progresso, mas conservando o seu estylo primitivo.

Assim, pois, fomos encontrar em uma das mais concorridas ruas da cidade um restaurant do seculo XVI, sem duvida o mais antigo do Imperio Germanico.

Denomina-se «Alt-Bremer-haus», e que como offerecesse em 1895 ruina,



estando condemnado a ser derruído, a «Roland», sociedade de historia artistica, contribuia com 20:000 marcos para a conservação da casa, sendo encarregado o notavel architecto Ounkel para a referida restauração, a qual ficou de modos a demonstrar o desenvolvimento da arte ornamental em Bremen.

Segundo o que affirmou o diario *Bremer-Nachrichten*, de 17 de Outubro de 1897, hoje o *Alt-Bremer-haus*, devia ter sido mandado construir pelo cava-

1—A fachada principal da «Alt-Bremer-Haus» 2—Casa de Jantar  
3—Sala Rokoko

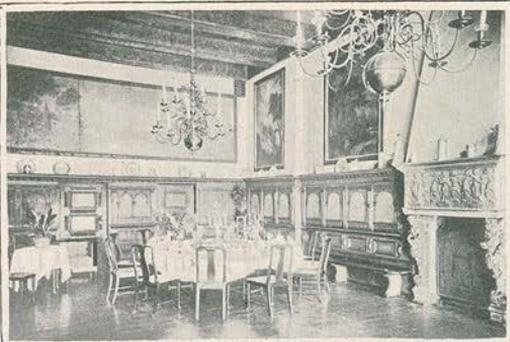
lheiro Hermanann Esich entre 1569 a 1638.

Ha, porém, divergencia de opinião entre os historiadores, pois outros affirmam que, em consequencia d'uns muros ali encontrados demonstram que, a referida casa fôra construida nos tempos gothicos.

Ainda, segundo a critica historica, e em consequencia do Bathaus de Bremen ter em certos pontos o mesmo estylo, parece que foi Ludervon Beutein ou o seu successor Johann Prange o constructor d'aquella casa, ou ainda Johann Nacke ou Ernest Krossmann.

Taes são os dados historicos que podemos obter sobre essa interessante casa.

Seja como fôr, o certo é que todos os forasteiros teem o cuidado de visitar tal restaurant que representa o passado mas que é tambem um dos pri-



- 1—O salão de jantar  
2—Sala de festas  
3—Outro aspecto da sala  
4— Outra sala do restaurant

meiros no genero. Tem um amplo salão de festas onde os banqueiros, e grandes capitalistas dão os seus jantares.

Tem depois outros compartimentos servindo de salas, uma das quaes, tem um fogão raro, construido em 1773, preciosidade que poucos Museus possuem.

Os compartimentos, como fica dito, foram apenas restaurados deixando-se-lhes o seu estylo primitivo.

Assim, pois, sobre as velhas sanefas encontram-se além do numero de peças de ouca do secu'o XVI, a original chaleira bojuda de cobre, os pratos de estanho, objectos muito usados pelos

nossos antepassados.  
Tambem lá vimos em  
varias salas a historica can-  
deia de metal para azeite,  
sendo-lhe adicionadas  
lampadas electricas.

Na antiga cosinha ainda se  
devisam nos azulejos brancos  
as figuras em azul da Flora da  
Hollanda e depois allemã.

Ao fundo d'um vastissimo ga-  
binete particular encontra-se  
uma primitiva machina de fiar,  
tendo ao lado o competente  
fuso com uma massaroca  
de estopa.

No centro de cada sala



1—O vestibulo  
2—A sala de almoço

encontra-se um lus-  
tre de folha proprio  
para velas mas a  
que adicionaram  
lampadas electricas.

Mas não julguem  
os leitores que em  
tal restaurante tudo  
representa o passa-  
do.

A louça antiga é  
apenas para decora-  
ção das salas.

Tudo quanto ha  
de mais moderno e  
aperfeiçoado ali se  
encontra.

A cosinha é uma  
delicia e confessa-  
mos que ainda na  
Allemanha não  
jantámos tão  
bem como no  
*Alt-Bremerhans*,





A antiga cosinha da Renascença, transformada em gabinete particular

Mas vá lá que foram bem empregados, atendendo ao bello menu e á pobreza da cosinha allemã que é prodiga em sopa fria de fructas, ou em carne cozida misturada com compota.

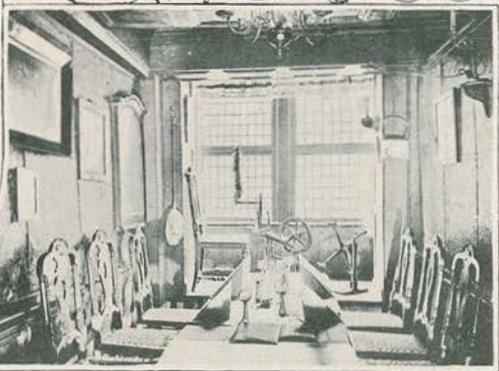
Bremen, 2-VIII-1911.

Pedro Muralha.



A sala de entrada

apezar de nos custar 5,5 marcos, o que em moeda portugueza representa 1\$320 réis.



Outro gabinete da Alt-Bremen-Haus

# REVISTA DO "VARIEDADES"

## "PEÇO A PALAVRA"...



- 1— Alvaro Cabral no «Fátias»
- 2— «Uma musa»
- 3— Maria! Amélia na «Nutricula»
- 4— Amélia Pereira no «Sol»
- 5— Nascimento Fernandes «Alma-Viva»
- 6— Maria Amélia na «Pistola»

No theatro de *Variedades* a revista *Peço a Palavra* tem obtido um verdadeiro successo não só porque está recheada de ditos

de espirito mas tambem pela fôrma que foi representada.

O scenario e o guarda roupa são cuidados com esmero e prepassam por vezes no decorrer dos actos figurinhas gracis de mulheres a animarem as scenas da peça de Alvaro Cabral e João Bastos.

(Clélio Vasques)

## A Seda Suissa

É A MELHOR

Pegam as amostras das nossas novidades em preço branco ou cor:

**Duchesse, Voile, Setim flexivel, Taffetas, Crêpe de Chine, Eolienne, Côtelé, Mous-seline**, largura 150 cm, a partir de 1 fr. 25 c. o metro, **Veludo e Peluche** para vestidos, blusas etc. a -sim como **blusas e vestidos bordados** em batiste, lã, linho e seda.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas **directamente aos freguezes e francas de alfandega e de porte a domicilio.**

**Schweizer & C.<sup>o</sup>**

Lucerne E 12 (Suissa)

Exportação de sedas. Fornecedor da Corte Real

# Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Sede em Lisboa Proprietaria das fabricas do Prado, Maria e Sobreirinho (Chomar), Penedo e Casal d'Hermio (Cousã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma producção annual de sei milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente e commendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escriptorios e depositos:*

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276

PORTO — 49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telefonico: **Lisboa, 605 — Porto, 117**

CAPITAL	
Ações .....	360.000\$000
Obrigações .....	323.910\$000
Fundus de reserva e de amortização ..	266.400\$000
Reserv.	950.310\$000

## O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE  
E PHYSIONOMISTA DA EUROPA

Madame

### BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vallicinos. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chronologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenligny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria a quem predisse a queda do Império e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 42, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — LISBOA. Consultas a 1\$000 rs., 2\$300 e 5\$000 rs.



CONSTIPAÇÕES antigas e recentes  
TOSSES  
BRONCHITES  
são radicalmente CURADAS  
PELA  
**SOLUÇÃO  
PAUTAUBERGE**  
que dá  
PULMÕES ROBUSTOS  
e previne contra a  
**TUBERCULOSE**

PREÇO PARA PORTUGAL: 800 reis o frasco.

**L. PAUTAUBERGE**  
COURBEVOIE - PARIS  
e em todas as Pharmacias.

Contra a Asthma  
REMEDIO DE ABYSSINIA  
EXIBARD

em Pó e Cigarros.  
Alivia instantaneamente.  
6, Rue Dombasle, Paris. — Todas Pá'is.



## LOÇÃO DEQUEANT

**CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS**

Unico producto scientifico apresentado na *Academia de Medicina de Paris* contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabeludo  
**L. DEQUEANT, Pharmacien 38, Rue Clignancourt, Paris**  
em LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas  
A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

# Trabalhos de Zincogravura, Photogravura, Stereotypia, Composição e Impressão

Fazem-se nas officinas da **Ilustração Portuguesa**

**ZINCOGRAVURA e PHOTOGRAVURA.**—Em zinco simples de 1.<sup>a</sup> qualidade, cobrado ou nickelado. Em COBRE, A CORES, pelo mais recente processo — o de trichromia.  
**PARA JORNAES** com tramas especies para este genero de trabalhos. **STEREOTYPIA** de toda a especie de composição. Impressão e composição de revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.

**Officinas da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA**

RUA DO SEculo, 43—LISBOA

# Os Cinco Ultimos Perfumes

Rêve d'Ossian  
Convoitise  
Jardins d'Armide  
Eillet Louis XV  
Age d'Or

PERFUMARIA ORIZA

L. LEGRAND

11, Place de la Madeleine  
PARIS

14-15, Conduit Street, LONDON



**ZEISS**  
BINOCULOS

PARA  
VIAGEM ♦ SPORT ♦ CAÇA

*Peçam-se prospectos T 89*

A' venda em todos os estabelecimentos  
de Optica e por:

**CARL ZEISS-JENA (Allemanha)**  
Berlim—Francfort s. M.—Hamburgo  
Paris—Vienna—S. Petersburgo  
Londres—Milão

PARA ENCADERNAR

Ilustração

Portugueza

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o **PRIMEIRO SEMESTRE D'ESTE ANNO** da «Ilustração Portuguesa».

Desenho novo de optimo effeito

Preço 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-m-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO "SECULO"

43, Rua do Seculo, 43

LISBOA